

TRADUÇÃO DE

MARINA SILVA
**o diário de um louco
contos completos
de Lu Xun**

PEDRO CABRAL

BEATRIZ HENRIQUES

MARCELO MEDEIROS
**o diário de um louco
contos completos
de Lu Xun**

CESAR MATIUSSO

POSFÁCIO POR HO YEH CHIA

CARAMBAIA

o diário de um louco

O DIÁRIO DE UM LOUCO

CONTOS COMPLETOS DE LU XUN

TRADUÇÃO

BEATRIZ HENRIQUES
CESAR MATIUSSO
MARCELO MEDEIROS
MARINA SILVA
PEDRO CABRAL

POSFÁCIO

HO YEH CHIA

CARAMBAIA

7 O GRITO (1923)

- 8** O DIÁRIO DE UM LOUCO
24 KONG YIJI
33 O REMÉDIO
47 AMANHÃ
57 UM PEQUENO INCIDENTE
61 SOBRE O CABELO
70 UMA TEMPESTADE PASSAGEIRA
83 TERRA NATAL
98 A VERDADEIRA HISTÓRIA DE AH Q
158 FESTIVAL DO BARCO DO DRAGÃO
170 LUZ BRANCA
178 COELHOS E GATOS
185 COMÉDIA DOS PATOS
190 ÓPERAS DE UMA CIDADEZINHA DO INTERIOR

207 HESITAÇÃO (1926)

- 208** O SACRIFÍCIO DE ANO-NOVO
234 NA TAVERNA
249 UMA FAMÍLIA FELIZ

- 261** SABÃO
276 A LÂMPADA DA LUZ ETERNA
290 UMA EXPOSIÇÃO PÚBLICA
298 O HONORÁVEL SR. GAO
313 SOLITÁRIO
343 *IN MEMORIAM* — DIÁRIO DE JUAN SHENG
368 IRMÃOS
384 O DIVÓRCIO

399 HISTÓRIAS ANTIGAS RECONTADAS (1936)

- 400** EMENDANDO O CÉU
414 FUGA PARA A LUA
430 CONTROLANDO O DILÚVIO
452 COLHENDO BROTOS DE SAMAMBAIA
477 FORJANDO AS ESPADAS
503 DEIXANDO A PASSAGEM
517 ANTIGUERRA
534 RESSUSCITAR OS MORTOS

- 550 POSFÁCIO**
POR HO YEH CHIA

Durante o ginásio, fui amigo de dois irmãos cujos nomes oculto aqui. Perdemos contato depois de muitos anos. Dias atrás, fui informado de que um dos irmãos estava gravemente doente e, acontecendo de eu estar no caminho para minha terra natal, decidi mudar o trajeto para lhes fazer uma visita. Encontrei apenas o irmão mais velho, o qual me disse que era o mais novo quem estivera enfermo. Disse-me ainda que agradecia por eu ter me dado ao trabalho de fazer a longa viagem para ver o irmão, mas que este já tinha se recuperado e aguardava em certo lugar por certo cargo público. Riu-se, então, e me mostrou dois volumes do diário do irmão, dizendo que se podia ver por meio deles os sintomas da doença, não sendo de modo nenhum impróprio que um velho amigo os lesse. Vê-se logo que o irmão sofreu de uma espécie de “delírio persecutório”. O texto é extremamente confuso, incoerente, além de absurdo. Não havendo datas, só pude inferir que o material não foi escrito de uma vez, por causa da variação da tonalidade da tinta e do estilo da caligrafia. Não obstante, há alguma lógica no texto. O trecho apresentado abaixo servirá de objeto de investigação médica. Publico este diário sem corrigir nenhum dos erros cometidos pelo autor. As únicas alterações feitas foram os nomes dos indivíduos citados, mesmo sendo eles apenas gente da roça, desconhecidos e de pouca importância. O título, escolhido pelo próprio autor depois de recuperado, foi mantido.

Dois de abril do sétimo ano da República.¹

1. 1918. [Todas as notas são dos tradutores.]

PARTE I A lua está linda nesta noite.

Fazia mais de trinta anos que eu não a via. Agora só de vê-la já me sinto revigorado. De repente percebo que os últimos trinta e tantos anos foram confusos, obscuros. Preciso tomar cuidado. E por que o cachorro da família Zhao estava olhando tanto para mim?

Tenho razão para estar com medo.

PARTE II Nenhuma lua hoje. Sei que isso é mau sinal. Quando, com todo o cuidado, saí de casa pela manhã, o velho sr. Zhao tinha um olhar estranho: era como se estivesse com medo de mim, como se quisesse me fazer mal. Outras sete ou oito pessoas estavam cochichando sobre mim. Estavam com medo de que eu as visse. Mas não eram apenas elas. Todos na rua se comportavam da mesma forma. Dentre eles, aquele que era mais agressivo ria para mim. Tremi dos pés à cabeça. Eu sabia o que eles tramaram e que tudo já estava arranjado.

Mas eu não tenho medo nenhum. Continuei no meu caminho. Mais à frente, um grupo de crianças também estava falando de mim, pálidas como o velho sr. Zhao. E eu pensava: o que é que essas crianças têm contra mim? Por que essa cara? Não aguentei mais e gritei: “O que é que vocês estão falando aí?”. E elas saíram correndo.

Fico pensando: o que é que o velho sr. Zhao ou o povo na rua teriam contra mim? Só o que consigo lembrar é que, vinte anos atrás, pisei no caderno de registros históricos do velho sr. Antigo. Ele ficou furioso. O velho sr. Zhao não o conhece, mas deve ter ouvido falar do que eu fiz e então, revoltado, deve

ter decidido fazer justiça contra mim junto com o povo da rua. Mas e as crianças? Elas nem tinham nascido. Por que é que elas estavam olhando de um modo estranho para mim, como se estivessem com medo, ou talvez como se quisessem me fazer mal? Isso realmente me assusta, confunde e entristece.

Mas é claro. Foram os pais delas que lhes ensinaram essas coisas!

Não consigo mais dormir à noite. É só por meio do estudo que

PARTE III

podemos entender as coisas. Algumas daquelas pessoas foram submetidas à canga² pelo magistrado, outras foram esbofeteadas pelos nobres, alguns homens tiveram suas esposas atacadas por oficiais, muitos são filhos e filhas de pais que foram levados a cometer suicídio pelos seus credores. Mesmo em situações como essas, seus rostos não mostravam o pavor e a ferocidade de ontem.

O mais estranho foi aquela mulher ontem na rua batendo no filho e dizendo: “Moleque! Quero te morder de raiva!”. Mas ela estava olhando para mim enquanto falava. Não pude esconder meu espanto. E a gente medonha em volta gargalhava. Então o velho Chen Cinco³ veio correndo e me arrastou para casa.

Todos em casa fingiram não me conhecer — a expressão em seus rostos era como a dos outros. Eles me trancaram no escritório como se eu fosse uma galinha confinada num galinheiro.

2. Instrumento de punição e humilhação pública usado na China até o começo do século XX.

3. Era chamado “Cinco” por ser o quinto filho, de acordo com o costume da época.

Quanto mais eu pensava a respeito do que aconteceu, menos eu entendia.

Há alguns dias, um fazendeiro da vila do Filho do Lobo veio nos contar da fome que estava ocorrendo. Ele disse ao meu irmão que um facínora foi espancado até a morte pelo povo, depois alguns arrancaram-lhe o coração e o fígado para fritá-los e comê-los, e assim alimentar a própria coragem. Quando abri a boca para dizer alguma coisa, o fazendeiro e o meu irmão olharam para mim. Hoje, finalmente percebi que me olhavam com a mesma expressão das pessoas lá fora.

Fico todo arrepiado só de lembrar.

Eles são canibais. Não há nenhuma garantia de que não vão me comer também.

Isso tudo são sinais: a mulher dizendo “quero te morder”, o sorriso daquela gente de dentes afiados e rosto selvagem, as palavras daquele fazendeiro dias atrás. Posso sentir o veneno nas suas palavras, as ameaças escondidas atrás de seus sorrisos. Seus dentes são brancos e afiados: dentes de canibais.

Penso o seguinte: não sou um facínora, mas não sei o que vai acontecer, considerando que pisei no caderno de registros históricos da família Antigo. Não tenho como saber o que eles estão pensando. Além disso, assim que eles deixam de gostar de alguém, eles o chamam de “facínora”. Ainda me lembro de quando meu irmão me ensinava redação. Quando eu conseguia apontar erros em uma pessoa boa, ele sublinhava o trecho em sinal de aprovação e me elogiava, não importando o quão boa a pessoa em questão fosse; e se eu conseguisse justificar a conduta de uma pessoa má, ele dizia, em tom de deboche, que eu era “um gênio extraordinário”. Como é que eu posso saber

o que essa gente pensa? E ainda mais numa situação como esta, em que eles estão querendo carne humana.

É só por meio do estudo que podemos entender as coisas. Ainda lembro, embora não muito claramente, que o hábito de comer gente vem desde a Antiguidade. Abri um livro de história para conferir, mas nele não havia datas. Em vez disso, li em todas as páginas a ladainha “amor, justiça, moral”⁴. Li com atenção noite adentro (eu já não conseguia dormir) e finalmente comecei a identificar pequenos caracteres entre as linhas do texto. Por todo o livro estavam escritas duas palavras: “coma gente!”.

Todos aqueles caracteres no livro e todas as palavras que o fazendeiro disse me encaravam agressivos e riam de mim.

E eu não sou humano? Eles querem a minha carne!

Era de manhã e eu estava sentado em silêncio. Então o velho Chen Cinco trouxe a comida: uma tigela com vegetais, outra com peixe. Os olhos do peixe eram brancos e duros, a boca aberta, igual aos canibais da vila. Comi alguns pedaços. A carne era macia e delicada, e eu não sabia mais se era peixe ou gente. Vomitei tudo.

Então eu disse:

— Velho Cinco, diga ao meu irmão que estou ficando sufocado aqui dentro e quero ir para o jardim dar uma caminhada. — O Cinco não respondeu e saiu. Depois de um tempo veio abrir a porta.

Não saí do lugar, só esperei para ver o que eles queriam fazer comigo, já sabendo que não pretendiam me soltar. Eu estava

4. Virtudes enfatizadas em textos confucianos.

certo! Meu irmão entrou lentamente trazendo consigo um velho em cujos olhos vi um brilho assassino que ele tentava esconder mantendo a cabeça baixa e me olhando de soslaio de trás dos seus óculos. Meu irmão disse:

— Você está com uma aparência boa hoje.

— Sim — respondi.

Meu irmão continuou:

— Hoje, pedi ao dr. He que examine você.

— Está bem! — respondi.

Como se eu não soubesse que aquele velho era um carrasco disfarçado! Com o pretexto de medir meu pulso, ele veio ver se eu estava gordo ou magro, já esperando um pedaço da minha carne como pagamento. Eu não estava com medo. Eu não como carne humana, mas tenho mais coragem do que eles. Mostrei-lhe meus punhos e esperei para ver o que ele faria. O velho se sentou, fechou os olhos, mediu meu pulso por um bom tempo e ficou em silêncio por um instante. Então abriu seus olhos demoníacos e disse:

— Não pense demais. Descanse bastante, coma direito por mais uns dias e vai ficar tudo bem.

Não pense demais, descanse bastante, coma direito! Pois assim eles vão ter mais carne para comer. Como isso pode ser bom para mim? Como é que tudo vai ficar bem? Essa gente quer carne humana, mas não quer chamar atenção. Os covardes querem fazer tudo escondidos. Assim me matam de rir! Pois eu não aguentei mais e comecei a rir em voz alta. Foi ótimo! E eu sabia que minha risada vinha cheia de coragem e justiça, virtudes que fizeram empalidecer o meu irmão e o velho.

Mas o fato de eu ter coragem só os incentiva ainda mais a comer minha carne: assim eles mesmos podem absorver minha

coragem. O velho saiu pela porta, deu uns passos e então disse em voz baixa ao meu irmão: “Coma logo!”. Meu irmão assentiu com a cabeça. Até você! Parece inacreditável, mas é a verdade. O meu irmão também é um dos canibais que estão atrás da minha carne!

O canibal é meu próprio irmão!

Sou irmão de um canibal!

Sou vítima dos canibais e ainda por cima sou irmão de um canibal!

Andei refletindo nestes últimos dias. Mesmo que o velho seja de fato um médico e não um carrasco, ele ainda assim é um canibal. Em *Não-sei-o-quê de matéria médica*⁵, Li Shizhen, o guru deles, defendeu claramente que se pode fritar e comer carne humana. Então como é que esse velho pode negar que seja do bando?

Não estou sendo injusto com meu irmão. Ele mesmo me disse, nos dias em que me ensinava os clássicos, que, em tempos de escassez, era possível “trocar os próprios filhos por outras crianças para comê-las”⁶. Em outra ocasião, ao mencionar um sujeito mau, ele disse que aquela pessoa não só tinha de

PARTE V

⁵ *Compêndio de matéria médica*, do farmacologista Li Shizhen (1518-1593), obra de medicina tradicional chinesa mais respeitada até a introdução da medicina ocidental na China. Ela não defende o canibalismo. Pelo contrário, é crítica à prática, indicada em outra obra, *Complemento farmacológico*, de Chen Zangqi (687-757).

⁶ Citação extraída da obra *Zuo Zhuan* (475-221 a.C.). Por ocasião do cerco da capital do reino de Song pelo exército do reino de Chu, o general Hua Yuan, de Song, diz ao general invasor: “Em meu reino, trocam-se os próprios filhos por outras crianças para comê-las e quebra-se o esqueleto para cozê-las”.

ser morta como também deveria “ter sua carne devorada e sua pele usada como lençol”⁷. Eu ainda era uma criança quando ouvi essas palavras. Meu coração disparou com o medo que senti. Meu irmão também não ficou surpreso quando ouviu antontem o fazendeiro da vila do Filho do Lobo falar sobre comer o coração e o fígado do facínora. Inclusive assentia o tempo todo com a cabeça. Logo se vê que sua crueldade continua inalterada. Se é possível “trocar os filhos para comê-los”, então tudo é negociável e qualquer ser humano pode ser comido. Pois sempre fiquei confuso ao ouvir suas lições de moral. Agora sei que, quando ele fala em moral, sua boca está suja de gordura humana e sua mente, obcecada por canibalismo.

PARTE VI

Tudo escuro, não sei se é dia ou noite. O cão da família Zhao começou a latir de novo.

Feroz como um leão, tímido como um coelho, sagaz como uma raposa...

PARTE VII

Eu sei o que eles estão pensando. Não estão dispostos a vir me matar de uma vez, nem ousariam fazer isso. Eles têm medo de atrair má sorte. Por isso, conspiram juntos: criaram uma armadilha para me induzir a cometer suicídio. Vendo a cara das pessoas na rua nestes últimos dias, e observando a conduta do meu irmão recentemente, descobri quase tudo o que estão tramando. O melhor seria que eu amarrasse o cinto na viga do

⁷ Essa expressão também é extraída de *Zuo Zhuan*.

telhado e me enforcasse com ele. Eles não só evitariam a acusação de assassinato como teriam atendido ao desejo do seu coração sem manchar as mãos com meu sangue. Eles iriam chorar tomados de uma enorme alegria. E se, em vez disso, eu morrer magro de depressão, eles não vão achar ruim.

Eles só comem carniça! Lembro que li num livro algo sobre uma tal de hiena. Bicho muito feio e frequentemente carniceiro. É capaz de engolir até mesmo ossos grandes depois de despedaçá-los com os dentes. É assustador pensar nisso. A hiena é parente do lobo, e o lobo é da família dos cães. Antontem percebi que o cachorro da família Zhao estava olhando para mim. Ele também foi cooptado. E esse velho pensa que pode me enganar olhando para o chão desse jeito!

O mais lamentável é ver meu irmão. Como é possível que ele não tenha medo, que conspire com os outros canibais para me comer? Ele também é humano. Será que é porque é um costume que vem de muito tempo atrás? Ele não vê que é errado? Ou talvez ele consiga fazer o mal conscientemente porque já perdeu toda a sensibilidade.

Eu amaldiçoo os canibais, a começar pelo meu irmão. Mas, se for para converter os canibais, tenho que começar pelo meu irmão.

Estas são verdades que eles já deveriam conhecer há muito tempo. **PARTE VIII**

De repente, veio um jovem de cerca de 20 anos. Não pude ver claramente seu rosto. Ele assentiu com a cabeça para mim sorrindo, um sorriso um tanto falso. Eu lhe perguntei:

— É certo comer carne de gente?

Ainda sorrindo, ele disse:

— Agora não há seca nem fome. Quem é que vai comer gente?

Então percebi de imediato que ele era um deles: ele também gosta de carne humana. Fui tomado de uma enorme coragem e insisti em lhe perguntar:

— É certo?

— Mas por que é que você está perguntando isso? Você é... muito engraçado. O tempo está muito bom hoje.

— Está muito bom mesmo e a lua está muito bonita. Mas eu quero saber: é certo?

Ele não pareceu estar gostando daquilo. Respondeu meio hesitante:

— Não.

— Não é certo? E como é que continuam comendo?

— Mas que conversa é essa?

— Que conversa é essa? Na vila do Filho do Lobo estão comendo gente agora mesmo. E está escrito em todos os livros, e com tinta vermelha!

O rosto dele mudou. Ficou branco como papel.

— Talvez isso aconteça, mas sempre foi assim...

— Sempre ter sido assim quer dizer que é certo?

— Não quero mais falar disso. E você também não devia. Você é quem está errado de tocar nesse assunto.

Pulei da cadeira e olhei em volta. Ele tinha sumido. Eu estava ensopado de suor. Aquele homem era muito mais novo do que o meu irmão, e já era um deles. Com certeza, foi ensinado pelos pais sobre o canibalismo, e ele mesmo já deve ter ensinado aos próprios filhos. Por isso, até as crianças olham para mim com voracidade.

Ao mesmo tempo que eles querem carne humana, também têm medo de serem devorados. Todos se entreolham com total desconfiança.

Se pelo menos eles fossem capazes de abandonar esse pensamento e simplesmente viver em paz — andar, comer, dormir... —, as coisas seriam tão melhores! É só dar um passo. Mas todos eles — pais e filhos, irmãos e irmãs, marido e mulher, professores e alunos, inimigos e até mesmo desconhecidos... —, todos estão conspirando juntos, todos se encorajando uns aos outros e, ao mesmo tempo, constrangendo uns aos outros. Eles não dariam esse passo nem mortos.

Bem cedo de manhã fui atrás do meu irmão. Eu o vi de pé em frente ao portão do lado de fora olhando para o céu. Eu me aproximei dele, bloqueando o portão, e lhe disse muito calma e amigavelmente:

— Irmão, quero lhe dizer uma coisa.

— Fale. — Ele olhou para mim e assentiu com a cabeça.

— Não sei bem por onde começar. Irmão, originalmente os selvagens comiam carne humana. Mas logo alguns abandonaram o canibalismo porque o pensamento deles mudou. Estavam determinados a ser melhores e então se tornaram humanos, humanos de verdade. Mas alguns continuaram a comer gente. Estão no mesmo nível de insetos. Alguns deles se transformaram em peixes, pássaros, macacos, até chegarem a ser humanos. Mas alguns não quiseram melhorar e são insetos até hoje. Qualquer pessoa que coma carne humana deveria se envergonhar diante de uma pessoa que não come. Uma

vergonha ainda muito maior do que a que insetos sentiriam diante de um macaco. Há uma distância muito grande entre as duas coisas.

“Yiya cozinhou o próprio filho para os tiranos Jie e Zhou.⁸ Isso vem acontecendo desde sempre. Todo mundo sabe: pratica-se o canibalismo desde a separação do céu e da terra por Pangu⁹ até Yiya; desde os dias de Yiya até Xu Xilin;¹⁰ desde os dias em que comeram Xu Xilin até a morte daquele homem na vila do Filho do Lobo. E na cidade, no ano passado, um tuberculoso molhou o seu pão no sangue de um condenado e comeu.

“Sei que não há nada que você possa fazer sozinho se eles decidirem me comer. Mas por que você tem que se juntar a eles? O que canibais não são capazes de fazer? Eles podem me comer, comer você, podem até comer uns aos outros. Mas tudo o que precisamos fazer é dar um passo. Se decidirmos mudar de uma vez por todas, poderemos viver em paz. Sei que isso tem sido feito desde sempre, mas hoje podemos ser melhores. Diga ‘não’! Irmão, eu acredito que você consegue. Anteontem, o fazendeiro pediu que você diminuísse o preço do aluguel e você disse ‘não!’”

8. Yiya, famoso cozinheiro do período Primavera e Outono (770-476 a.C.), ao ouvir seu senhor, o duque Huan do reino de Qi, dizer que nunca tinha experimentado carne humana, matou o próprio filho e o cozinhou para que seu senhor o comesse. Jie e Zhou são os últimos imperadores das dinastias Xia (2205-1766 a.C.) e Shang (1766-1122 a.C.), respectivamente.

9. Pangu, conforme a mitologia chinesa, foi o primeiro ser vivo. Separou o céu e a terra e depois morreu. Do seu corpo, surgiram todas as demais coisas.

10. Xu Xilin (1873-1907), revolucionário no fim da dinastia Qing (1644-1912). Depois de esfaquear o governador da província de Anhui, foi fuzilado e teve o coração e o fígado fritos e comidos pela guarda do governador morto.

Quando comecei a falar, ele sorriu como se zombasse de mim, depois sua expressão mudou: havia violência nela. E quando expus os segredos deles, seu rosto ficou pálido. Do lado de fora se formou um grupo de gente, o velho sr. Zhao e seu cachorro também estavam no meio, esticando o pescoço para olhar para dentro. Eu não conseguia reconhecer o rosto de alguns, era como se estivessem cobertos com um pano. Alguns, como antes, tinham uma aparência terrível, os dentes afiados, mordiam os lábios e sorriam. Eu sabia que eles eram um bando, que comiam carne humana. Mas também sabia que eles estavam divididos: uns pensavam que o canibalismo sempre tinha existido e que não havia razão para não comer gente; outros sabiam que era errado, mas comiam do mesmo jeito, ao mesmo tempo que tinham medo de serem descobertos. Foi por isso que, ao ouvirem as minhas palavras, ficaram furiosos, mas disfarçavam a raiva com um sorriso amarelo.

Dessa vez até meu irmão ficou irado e gritou:

— Saiam daqui! Que graça tem ver um louco?

Naquele momento eu entendi melhor a estratégia deles. Não iriam mudar, pelo contrário, decidiram me rotular como louco. Quando comerem minha carne, não só não vão sofrer nenhuma consequência como vão inclusive receber aplausos. Aquela história de comer um homem mau que o fazendeiro contou traz exatamente essa ideia. É a receita deles!

O velho Chen entrou furioso, mas não conseguiu me calar. Eu disse àquele bando:

— Vocês podem mudar, podem mudar de verdade! Não há futuro para canibais neste mundo! E se vocês não mudarem, vão acabar devorando uns aos outros! Mesmo que tenham

muitos filhos, vocês serão eliminados pelas pessoas de verdade, caçados como lobos! Esmagados como insetos!

O velho Chen Cinco dispersou a multidão. Meu irmão sumiu. O velho Chen me mandou voltar para o quarto. Tudo estava completamente escuro, as vigas do teto começaram a tremer sobre a minha cabeça, tremeram e logo cresceram muito e se empilharam sobre mim.

Eu não podia me mover porque o peso era enorme. Queriam me matar. Mas eu sabia que aquele peso era uma ilusão. Lutei até ficar coberto de suor. Ainda assim, eu disse:

— Vocês precisam mudar agora, mudar de verdade. Vocês precisam entender que não há futuro para canibais neste mundo...

PARTE XI

Dias sem sol, a porta trancada. Duas refeições por dia.

Peguei os palitos e logo me lembrei do meu irmão. Entendi então a razão da morte da minha irmã caçula: ele é o culpado. Ainda posso vê-la. Ela era adorável, a coitadinha. Só tinha 4 anos. Minha mãe chorava e chorava, mesmo o meu irmão ordenando que ela parasse. Aquela choro provavelmente o fazia se sentir culpado, afinal ele deve ter comido a carne da minha irmã. E se ele ainda é capaz de se sentir culpado...

Meu irmão comeu a carne dela. Mas será que minha mãe sabia disso? Nunca descobrirei.

Provavelmente, ela sabia e achava que o canibalismo era correto, mesmo com todo o choro. Eu lembro uma vez, quando eu tinha 3 ou 4 anos, estava em frente de casa para tomar uma brisa. Então meu irmão veio e me disse que, quando os pais estão

doentes, os filhos devem cortar um pedaço da própria carne, cozê-la e dar para os pais comerem.¹¹ É isso que uma boa pessoa faz. Minha mãe não o contrariou. Se se pode comer um pedaço de carne humana, então se pode comer uma pessoa inteira. É óbvio. Mesmo assim, dói muito só de lembrar como minha mãe chorou pela minha irmã. Mas como isso tudo é bizarro!

Eu não aguento mais pensar nisso.

PARTE XII

Só agora entendo: vivi todo este tempo em um lugar que tem praticado o canibalismo por 4 mil anos. Foi quando meu irmão estava administrando a casa onde minha irmã morreu. É possível que ele tenha colocado um pouco da carne dela na nossa comida.

Talvez eu tenha comido a carne da minha irmã sem saber. E agora chegou a minha hora...

Mesmo que eu não soubesse o que estava acontecendo, tenho um currículo de 4 mil anos de prática de canibalismo. Agora como posso encarar seres humanos de verdade nos olhos?

Talvez existam crianças que ainda não comeram gente.

PARTE XIII

Salvem as crianças...

Abril de 1918

¹¹. Dar um pedaço da carne da própria coxa para o progenitor doente comer era prática na China antiga e expressão de piedade filial.

A disposição dos móveis nos bares da vila de Lu era diferente dos outros lugares: um balcão em forma de esquadro de carpinteiro, virado para a rua. Do lado de dentro, havia sempre água quente disponível para aquecer a aguardente. Os trabalhadores vinham ao meio-dia e ao cair da tarde, cada um gastando quatro moedas de cobre para comprar uma tigela de aguardente (esse era o preço há vinte anos, agora cada tigela deve custar em torno de dez moedas), que sorviam em pé enquanto descansavam. Mais uma moeda poderia comprar um prato de brotos de bambu cozidos, ou feijão de favas, para acompanhar a bebida. Pouco mais de uma dezena de moedas pagava um prato de carne. No entanto, a maioria dos clientes, os que vinham em mangas de camisa, não poderia cometer esse tipo de extravagância. Apenas os que vestiam túnicas de mangas longas entravam calmamente na construção anexa ao bar e pediam bebida e comida para apreciar sentados.

Quando tinha 12 anos, comecei a trabalhar como garçom no bar Xianheng da vila de Lu. O gerente do bar me disse que eu parecia muito estúpido para servir os túnicas-longas, então me relegou ao lado de fora. Ainda que a comunicação fosse fácil com os clientes de camisetas, não eram poucos os que ficavam de conversa fiada, falando bobagem sem parar. Eles acompanhavam atentamente enquanto eu retirava a aguardente do barril com a concha e despejava na chaleira, mesmo que já houvessem verificado que lá não havia água, e não desgrudavam os olhos até confirmar sua imersão na água quente. Só assim dissipavam suas preocupações. Sob tal escrutínio, era praticamente impossível adulterar a bebida com água. Por isso, depois de alguns dias, o gerente me disse que eu também

não era bom para aquele trabalho. Ainda bem que o contato que havia me arrumado o emprego tinha muita influência, o que garantiu que eu não fosse demitido. No fim, o gerente me atribuiu a tarefa enfadonha de apenas aquecer a aguardente.

Desde então, eu passava dias inteiros de pé atrás do balcão, cuidando apenas do que me fora atribuído. Apesar de isso ser melhor do que o desemprego, ainda assim eu sentia o peso da rotina monótona. O gerente estava sempre de cara amarrada, os clientes também não eram dos mais simpáticos. Somente quando Kong Yiji entrava no bar é que eu podia dar algumas risadas, e por isso me lembro dele até hoje.

Kong Yiji era o único que bebia de pé vestindo túnica longa. Era alto e corpulento, rosto pálido, com frequentes cicatrizes entre as rugas. Usava uma barba grisalha comprida e descuidada. Apesar de vestir túnica, esta era rota e suja, parecendo não ter visto agulha, linha ou sabão havia mais de dez anos. Falava com as pessoas como se estivesse em um romance escrito em chinês clássico, de modo que não dava para entender quase nada de seus discursos. Como seu sobrenome era Kong, as pessoas o apelidaram de Kong Yiji, em referência às lições de caligrafia da escola,¹ imitando a maneira aparentemente aleatória e sem sentido das sequências de escrita. Assim que Kong Yiji entrava no bar, todos o olhavam sorrindo, e alguém dizia:

— Kong Yiji, você ganhou uma cicatriz nova!

1. Refere-se às sequências de caracteres impressas em folhas de exercícios de caligrafia para crianças. As sequências sempre começavam com caracteres simples, dos quais os que formam o apelido do personagem apareciam um após o outro.

Ele não respondia e se virava para o balcão, jogando dez moedas de cobre:

— Aqueça duas tigelas de aguardente para mim, mais um prato de feijão de favas.

Os outros clientes, não satisfeitos, gritavam novamente:

— Certeza de que você roubou de novo!

Kong Yiji arregalava os olhos e dizia:

— Como ousa manchar assim a reputação de alguém?

— Que reputação? Anteontem mesmo eu vi com meus próprios olhos você sendo espancado por ter roubado livros da família He.

Kong Yiji corou, as veias da testa saltando contra a pele, e retrucou:

— Furtar livros não é o mesmo que roubar! Furtar livros! E buscar conhecimento é roubo, por acaso?

E então ele começou a falar difícil, algo como “o homem nobre persiste na dificuldade” e outras palavras que nem eu nem ninguém conseguimos entender, provocando o riso geral que enchia o bar de alegria.

Por meio de fofocas, eu soube que Kong Yiji já havia estudado uma vez na vida. No entanto, não conseguiu passar nos exames imperiais e não adquiriu outras habilidades. Por isso, ficou cada vez mais pobre, quase chegando à mendicância. Felizmente, ele tinha uma boa caligrafia, o que lhe permitia copiar livros em troca de comida. Porém, tinha também um gênio difícil, gostava de beber e era preguiçoso. Pouco tempo depois de começar um trabalho, já desaparecia, junto com os livros, folhas de papel, pincel e pedra-tinteiro. Depois de algumas reincidências, já não havia clientes para quem copiar livros. Não

tendo outra saída, vez ou outra ocorriam furtos. Contudo, em nosso bar, ele sempre foi o de comportamento mais digno dentre todos os clientes. Nunca adiava pagamentos; se acontecesse de não ter dinheiro consigo no momento, a quantia ficava anotada no quadro-negro e, em menos de um mês, já era devolvida e o nome de Kong Yiji desaparecia do quadro.

Depois de tomar meia tigela de aguardente, seu rosto vermelho e inchado foi voltando ao normal. As pessoas ao redor lhe perguntaram novamente:

— Kong Yiji, é verdade que você sabe ler?

Kong Yiji os fitava pronto para se defender. Eles continuavam:

— Como pode ser que você não tenha conseguido nem um cargo distrital?

O rosto de Kong Yiji se tornava desesperançado, coberto por uma sombra. Ele falava algumas coisas, mas depois já voltava para o vocabulário clássico, incompreensível. Nesse momento, todos gargalhavam, enchendo o bar de alegria.

Nessas horas, eu podia rir com as outras pessoas, que o chefe não iria me recriminar. O próprio gerente, cada vez que via Kong Yiji, lhe fazia as mesmas perguntas, o que sempre provocava risos. Kong Yiji sabia que não havia como conversar com aquela gente, então sua alternativa era puxar conversa com as crianças. Uma vez, ele me perguntou:

— Você estudou?

Assenti com a cabeça levemente. Ele disse:

— Estudou, né? Vou lhe aplicar um teste. O nome do prato de feijão de favas em chinês é *huixiangdou*. Você sabe como se escreve o caractere *hui*?

Pensei: um homem que mais parece um mendigo tem direito de me testar? Virei a cara e o ignorei. Depois de esperar bastante tempo, ele me disse com ar sincero:

— Não sabe escrever, né? Eu lhe ensino e você anota, viu? Esses caracteres você deve anotar. No futuro, quando você for gerente do bar, será útil para registrar as contas.

Eu pensava comigo mesmo: ainda estou longe de ser gerente de bar; além disso, o chefe nunca escreve “feijão de favas” na conta. Numa mistura de entretido e impaciente, eu lhe respondi preguiçoso:

— Quem precisa que você ensine? Não é composto do radical de “grama” mais um *hui* do verbo “voltar”?

Kong Yiji ficou muito contente. Bateu as unhas compridas no balcão e disse:

— Certo, é isso mesmo! O caractere *hui* tem quatro formas de ser escrito, você sabia?²

Ainda mais aborrecido, crispei os lábios e me afastei. Kong Yiji já estava molhando os dedos na bebida para escrever no balcão quando percebeu meu desinteresse e suspirou, sentindo pena de mim.

Em algumas ocasiões, as crianças dos vizinhos, ao ouvirem o som de risadas, saíam correndo para descobrir a origem, e assim se amontoavam em volta de Kong Yiji. Ele dava um feijão de favas para cada uma. Mesmo depois de comerem, as crianças

² No conhecimento da população em geral, há três formas possíveis de escrever o caractere *hui*. Dizer que há quatro formas de escrita implica um nível de conhecimento maior da língua, pois a quarta forma é mencionada apenas no renomado dicionário *Kangxi*, publicado em 1716, durante o reinado do imperador Kangxi, da dinastia Qing.

não se dispersavam e continuavam olhando para o prato. Kong Yiji, nervoso, cobria o prato com as mãos, abaixava-se e dizia:

— Está acabando! O que posso fazer? Não há mais!

Depois disso, as crianças iam embora rindo.

Kong Yiji era o tipo de pessoa que alegrava os outros, mas também não fazia falta quando se ausentava.

Um dia, creio que dois ou três dias antes do Festival de Meio-Outono, o chefe estava fechando as contas, olhou para o quadro e disse subitamente:

— Kong Yiji não vem há muito tempo! Está devendo dezoito moedas!

Nesse momento, percebi que realmente fazia muito tempo que ele não vinha. Um freguês que bebia disse:

— E como poderia vir? Ele quebrou a perna.

O gerente reagiu com surpresa. O informante continuou:

— Ele está sempre roubando, mas dessa vez perdeu a cabeça. Foi roubar a casa do magistrado provincial Ding! Dá para roubar daquela casa?

— E depois? — o chefe perguntou interessado.

— E depois? Ele escreveu uma declaração de culpa. Depois foi espancado, isso durou até a madrugada, até quebrar a perna.

— E depois?

— E depois ele quebrou a perna.

— Mas e depois de quebrar a perna?

— Vai saber... Talvez tenha morrido.

O chefe não perguntou mais, continuou fazendo suas contas.

Depois do Festival de Meio-Outono, o vento tornou-se cada dia mais frio, indicando que o inverno se aproximava. Mesmo ficando em frente ao fogo o dia inteiro, eu ainda precisava vestir

minha jaqueta forrada de algodão. Uma tarde, o bar estava vazio, e eu fechava os olhos sonolento. De repente, escutei uma voz.

— Aqueça uma tigela de aguardente.

Mesmo extremamente baixa, a voz era muito familiar. Quando me virei, no entanto, não havia ninguém. Estendi meu olhar para fora, e lá estava Kong Yiji, apoiado no umbral. Seu rosto estava magro e escuro, quase deformado. Vestia uma jaqueta velha, as pernas dobradas em cima de uma bolsa de palha amarrada aos ombros com uma corda de sisal. Ao me ver, repetiu:

— Aqueça uma tigela de aguardente.

O chefe também virou a cabeça para olhar, e disse:

— Kong Yiji? Você ainda me deve dezoito moedas!

Kong Yiji respondeu abatido:

— Da... da próxima vez eu devolvo, sem falta. Hoje, eu trouxe dinheiro vivo, quero bebida de boa qualidade.

O chefe teve a mesma reação de sempre e o provocou, rindo:

— Kong Yiji, você roubou de novo!

Porém, dessa vez o acusado não se deu ao trabalho de se defender, apenas disse:

— Não zombe de mim!

— Zombar de você? Se não tivesse roubado, como quebraria a perna?

Kong Yiji respondeu baixinho:

— Foi em uma queda... uma queda... — o olhar implorando que não o mencionasse mais.

A essa hora, mais gente havia se juntado à cena, rindo em uníssono com o gerente. Aqueci a bebida, levei para fora e deixei à porta. Ele retirou quatro moedas do bolso esfarrapado e

colocou na minha mão. Suas mãos estavam cobertas de lama — foi com elas que chegou até aqui, pensei. Após alguns minutos, ele terminou de beber e foi embora sentado, apoiando-se nas mãos, lentamente, ainda ao som de risadas.

Desde aquele dia, passamos muito tempo sem ver Kong Yiji. Na época do Festival de Ano-Novo, o chefe pegou o pequeno quadro-negro e disse:

— Kong Yiji ainda deve dezenove moedas!

No Festival do Barco do Dragão, no quinto mês lunar, repetiu:

— Kong Yiji ainda deve dezenove moedas!

Quando o Festival de Meio-Outono chegou, no oitavo mês lunar, ele parou de mencioná-lo. Até o Festival de Ano-Novo seguinte, Kong Yiji não apareceu.

Até hoje, não o vi mais — é provável que desta vez ele tenha mesmo morrido.

Março de 1919